



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9849 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

A VELHICE, UM CORPO E O MUNDO: O SUJEITO EM FORMAÇÃO

Amanda Khalil Suleiman Zucco - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Vanderlei Carbonara - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

A VELHICE, UM CORPO E O MUNDO: O SUJEITO EM FORMAÇÃO

Resumo: O trabalho a seguir discute uma perspectiva dicotomizada do corpo velho que tem sua imagem reconhecida num corpo jovem. Neste caminho, o que se está propondo aqui é um outro percurso acerca da subjetividade, que renuncie aos projetos duais sobre o sujeito, que segmenta o *eu* em departamentos compondo projetos falhos. Daí a adesão à fenomenologia merleau-pontyana, em especial com sua ideia um sujeito encarnado, em que corpo, enquanto sujeito perceptivo existe em relação contínua com o mundo. Assim, o corpo na velhice é compreendido como dimensão existencial do sujeito, enquanto noção de carne, que o põe frente à indeterminação das relações como possível abertura num horizonte formativo.

Considerações iniciais

A existência humana solicita entrelaçamento de uns com os outros o que predispõe relação; que por sua vez, não está dissociada do corpo. Nas entrelinhas das relações sociais, é possível perceber que sobre o corpo apresentam-se muitas vezes vestígios de uma concepção exclusivamente material. Em diversos contextos, o corpo ainda é considerado uma substância necessária para a instrumentalidade, como objeto suscetível para o trabalho, para a construção de sua vida e materialidade fundante da existência.

Como reflexo, este corpo ressoa o ideal de juventude negando a velhice que se mostra no corpo velho. Uma vez tendo essa concepção de corpo jovem idealizado no imaginário social, destaca-se a presença implícita de discursos mercadológicos, de matriz neoliberal, que capturam a juventude como ideal humano a ser perpetuado. Reconhece-se assim que “A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora” (BEAUVOIR, 2018, p.11). Com isso, projeta-se a velhice como um corpo improdutivo, suscetível e com maiores chances no desenvolvimento de doenças, e portanto, rejeitado na condição humana.

Através desta visão, evidencia-se que no corpo está inscrita a perspectiva da jovialidade. Isto porque a juventude, remete ao imaginário social como um corpo capaz de

produzir, operacionalizar, e portanto, visto como eficaz. Diante de tal conjuntura, percebe-se que a contemporaneidade deixa marcada uma obsessão pelo corpo jovem, e torna evidente a tentativa de apagar ou corrigir as marcas inscritas no corpo (PITANGA, 2006). Com isso, o sujeito na velhice é recolocado para fora de um projeto da existência que contempla o corpo sobre a égide de sua objetividade e funcionalidade presentes ativamente na jovialidade. Nesse sentido, “O velho incapaz de suprir suas necessidades representa uma carga” (BEAUVOIR, 2018, p.11). Assim, o corpo é visto como objeto de sua própria existência, um outro corpo agora debilitado.

Considerando um conjunto de discursos mercadológicos que capturam a juventude como ideal humano e buscam modos de prolonga-la – como uma espécie de retardamento do envelhecimento –, o presente estudo traz para discussão a presença de um outro dualismo do corpo, que está diretamente implicado no fenômeno da velhice. O ponto da discussão, possibilita-nos lançar voos a fim de que seja possível alcançar o seguinte objetivo: investigar a noção de carne em Merleau-Ponty com vistas à pensar o corpo em sua dimensão formativa na velhice.

Que corpo é esse?[1] A velhice como a imagem refletida de um corpo estranho

No envelhecimento humano, o corpo mostra sinais e vestígios do tempo através das marcas corporais que não se apagam. O sujeito velho percebe-se por diferentes reflexos: a partir de sua própria imagem no espelho, e, através da reflexão que faz dos discursos e expressões presentes na sociedade, e que consecutivamente, influenciam o modo de olhar para sua própria imagem. Beauvoir dirá que “A atitude dos idosos depende de sua opinião geral com relação à velhice. Eles sabem que os velhos são olhados como uma espécie inferior. Assim, muitos deles tomam como um insulto qualquer alusão à sua idade: querem, a todo preço crer que são jovens [...]” (2018, p. 300). Assim, ao se deparar com a sua própria imagem instalada no seu corpo velho, o sujeito reluta contra si. É diante deste corpo que se mostra inferior, que se busca meios e procedimentos estéticos, por exemplo, para atenuar as marcas reveladas na pele. Porém, é evidente que com o avançar do tempo, a imagem refletida já não seja mais a mesma do passado, ela passa a exibir vestígios em seu corpo, acentuando suas marcas, revelando os fios dos cabelos brancos e solicitando por outros jeitos e movimentos diante desse corpo que evidencia uma história ligada ao mundo.

Dessa forma, o velho não está mais capacitado a atender às especificações exigidas à juventude, ao contrário, “o velho é chamado a confrontar a desqualificação do corpo envelhecido, marcado, no social, pelos estigmas de decadência, de feiura, doença e aproximação da morte” (PY, 2004, p.44). Em outras palavras, a velhice, não corresponde às necessidades impostas por uma perspectiva racional-instrumental, sendo assim, retratada como improdutiva aos olhos da sociedade.

Esta demarcação indica que com a modernidade desenvolve-se uma compreensão que potencializa a dualidade do corpo, bem como um olhar objetivo diante do seu funcionamento, sendo ele, substância necessária para a existência humana. É diante de tal perspectiva, latente nas relações sociais, que o corpo na velhice é negligenciado. Isto porque, ao considerar o corpo este objeto da sua existência, o sujeito velho depara-se agora com outro corpo de si: um corpo velho desconhecido e estranho para seu corpo jovem.

Do dualismo clássico entre corpo e consciência ao dualismo que desvincula do sujeito de si mesmo

Nos debates filosóficos sobre corporeidade é corrente a análise da tradição cartesiana, em sua estrutura metafísica, que destaca a primazia da consciência (*res cogitans*) sobre o corpo (*res extensa*). A partir disso, evidencia-se uma visão do corpo fundada numa perspectiva dualista que o reconhece como objeto do pensamento. A noção de corpo, tendo em vista os princípios anunciados por Descartes, parece haver instalado as bases filosóficas para a divisão corpo-alma; ou seja, o homem é constituído por duas substâncias: uma pensante, a razão, e outra material, o corpo. Para ele, o corpo tido como “máquina perfeita”, não é senão um objeto (DESCARTES, 2001, p. 66).

Porém, mesmo entre os segmentos da filosofia e das ciências que avançaram a partir da concepção cartesiana, algo substancial parece ter se alterado. Ainda que a filosofia de matriz metafísica tenha seguido afirmando o *cogito* como princípio humanista, as teorias objetivistas ocuparam-se mais com o dualismo resultante da visão cartesiana, do que com a primazia da consciência sobre o corpo. Assim, o dualismo que sucedeu a tradição cartesiana e chega até a atualidade, fortemente marcado por uma fisiologia que encontrou em Descartes os elementos para abandonar a clássica abordagem orgânica (mente-no-corpo), parece inverter a posição dos elementos e dá ao corpo primazia sobre a consciência. Se para o humanismo greco-latino o corpo não estava condicionado a uma mente sã – e vice-versa – a modernidade tardia que se estende para a contemporaneidade, agora encontra uma dualidade que permite afirmar a saúde e a relevância do corpo sem vínculo necessário para com a saúde da mente. Ou, quanto muito, a saúde da mente terá menos ênfase nas disposições de consciência, para privilegiar aspectos neuropsíquicos passíveis de algum modo de terapia (ação externa sobre o corpo).

Mas há ainda uma implicação a mais a esse dualismo: não é apenas o observador que desvincula corpo e consciência, mas o próprio sujeito que, assim, poderá conceber a si mesmo como dual. Nessa desvinculação, que atribui ao corpo a essência do eu, o próprio sujeito pode estranhar a si como corpo modificado. Isso porque o corpo essencializado será sempre a sua manifestação de maior plenitude de saúde, força e beleza. Portanto, essencializa-se a juventude. E ao se perceber descaracterizações dessa essência, cria-se uma dualidade de percepção entre o *eu* pleno (jovem) e o *eu* débil (velho).

Se o corpo saudável, forte e belo expressa a essência de uma existência, como o sujeito agora irá relacionar-se com seu corpo que adocece, torna-se frágil e perde a beleza jovial? A dicotomização entre corpo e consciência, que já deslocou a primazia da consciência para o corpo, agora avançará para uma nova divisão: entre o corpo jovem e o corpo velho.

O poeta português Fernando Pessoa parece ter encontrado um modo muito expressivo de apontar esse último dualismo num breve poema que compõe seus *Odes de Ricardo Reis*:

Já sobre a fronte vã se me acinzenta
 O cabelo do jovem que perdi.
 Meus olhos brilham menos.
 Já não tem jus a beijos minha boca.
 Se me ainda amas, por amor não ames:
 Traíras-me comigo.
 (PESSOA, 1996, p. 112)

O corpo velho, saudoso de sua condição deixada para trás no tempo, agora se vê como outro de si: teme trair a si caso abandone a autoimagem residual que insiste em ver presentificar-se uma vez mais. O que parece é que o corpo velho não corresponde e não reconhece sua autoimagem com vistas àquela do corpo jovem essencializada. O corpo jovem essencializado é aquele que expressa maior força, é um corpo identificado pela soma de gestos e movimentos eficazes, sendo assim reconhecido por sua capacidade de ação ativa. Ao contrário, o corpo velho representa uma imagem refletida repleta de marcas, uma tendência ao surgimento de cabelos brancos que expõem o avançar de sua idade, e, ainda,

expressa a partir de seus movimentos e gestos, um corpo que parece ineficaz comparado ao corpo jovem, sendo assim, faltoso de seu poder e denunciado por sua fraqueza. Nesse sentido, o corpo é a face da velhice que representa a corrupção da autoimagem da juventude essencializada. Pois, por tantas vezes, e por seus diferentes contextos que refletem sua imagem, não se reconhece, é estranho nesta outra apresentação de si. Na medida em que, este corpo velho é apenas a imagem corrompida, ele também revela o corpo como outro e desconhecido para si.

O que se está propondo aqui é um outro percurso acerca da subjetividade, que renuncie aos projetos duais sobre o sujeito. O entendimento que se assume é o de que os modos de dualidade entre corpo e consciência, corpo jovem e corpo velho, ou qualquer outro que segmente o *eu* em departamentos, compõem projetos falhos. Daí a adesão à fenomenologia merleau-pontyana, em especial com sua ideia de sujeito encarnado, em que corpo, existe enquanto sujeito perceptivo em relação contínua com o mundo. É nessa perspectiva que se quer abordar a velhice como dimensão existencial do sujeito. Que se constitui ao longo da existência como este corpo entrelaçado ao mundo.

A vida estranha é uma vida aberta[2]: O corpo velho como sujeito encarnado

É num contexto de revisão e de deslocamento filosófico para além do discurso da modernidade, que Merleau-Ponty se propõe a revisar todo o pensamento cartesiano. Para isso, o filósofo propõe pensar o corpo numa perspectiva fenomenológica que busca compreender como nós percebemos os nossos corpos experimentando essa condição do ser corporal, como sujeitos encarnados no mundo. Em linhas gerais, pode-se dizer que o corpo fenomenológico é para o filósofo, tal como nós experimentamos ele no mundo.

Esse alargamento da visão de Merleau-Ponty nos deixa vestígios para compreender a velhice para além da objetividade do corpo expressada através da dicotomia anunciada. Tal concepção, nos permite compreender o sujeito velho não determinado como objeto nas relações do mundo, mas de fato, um corpo encarnado. Nessa direção, entende-se que “meu corpo é feito da mesma carne que o mundo (é um percebido), e que para mais dessa carne de meu corpo é participada pelo mundo, ele a *reflete*, ambos se imbricam mutuamente (MERLEAU-PONTY, 2014, p.227). Assim, o sujeito na velhice está longe de ser considerado um objeto, é muito além de um corpo representado por estigmas sociais que desqualificam sua potência de existir. É um sujeito encarnado no mundo propriamente constituído “por estar em relação contínua com o mundo” (CAMINHA, 2018, p.49). Isso significa dizer que a velhice enquanto existência do sujeito é determinada pela condição do corpo estar diretamente atrelado ao mundo. “É através da carne do mundo que se pode compreender o próprio corpo” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.229). Assim, o sujeito velho percebe-se permanentemente atado, em constante transformação, o que desvincula-o de uma compreensão dual de seu corpo e reconhece-o situado como “ser-no-mundo”.

Nesta relação imanente, o sujeito velho não somente vive a partir deste local que habita, como para além disso, é interpelado à sentir este contato estesiológico que o constitui como ser de relação. É por meio de tal contato, que o sujeito velho é além da imagem saudosa de um corpo jovem; é formado por suas vivências, experiências, interpelado pelas memórias de sua trajetória de vida, é apresentado por sua pele enrugada, bem como manifesta-se por seus gestos e movimentos que o constituem como sujeito de sua existência. Aliás, é através desta ligação sensível que é possível ao corpo estar em constante formação. Uma vez que sua percepção o projeta em direção ao mundo, e portanto, é inacabada, abrem-se muitas possibilidades de ver e situar-se, colocando-o num plano do aberto, numa dimensão do mistério, que foge do esperado. Portanto, um sujeito velho que está atado ao mundo por suas

relações estesiológicas, está envolvido por diversos contatos sensíveis, aberto às possibilidades de constantes transformações que o fazem reaprender a ver para além daquilo que já foi percebido, o que possibilita-o seguir em direção ao horizonte formativo de sua existência.

Palavras-chave: Corpo velho. Corpo jovem. Sujeito encarnado. Merleau-Ponty. Formação.

Referências utilizadas

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 2.Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. A estesiologia da carne e suas consequências filosóficas. In: *Estesia: corpo, fenomenologia e movimento*. Terezinha Petrucia da Nóbrega (org.). São Paulo: liberArs, 2018.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

PITANGA, D. *Velhice na cultura contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Unicap, 2006.

PY, Ligia. *A velhice nos arredores da morte*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

[1] Referência à música “Corpo, a culpa, o espaço” do Teatro Mágico, publicada no álbum Grão do Corpo, em 2014.

[2] Excerto retirado da obra Fenomenologia da Percepção (1999, p. 474). Merleau-Ponty refere-se à relação do corpo com outros corpos como uma comunicação aberta.